

O método etnográfico de Malinowski

Antropologia II

Profa. Heloisa Buarque de Almeida

Bronislaw Malinowski (1884-1942)

Nasceu na Cracóvia, Polônia
Filho de um linguista, prof.
de filologia.

1910 – estuda na London
School of Economics

1913 – publica um estudo
sobre Família entre
aborígenes australianos,
baseado em fontes
bibliográficas, uma crítica ao
evolucionismo

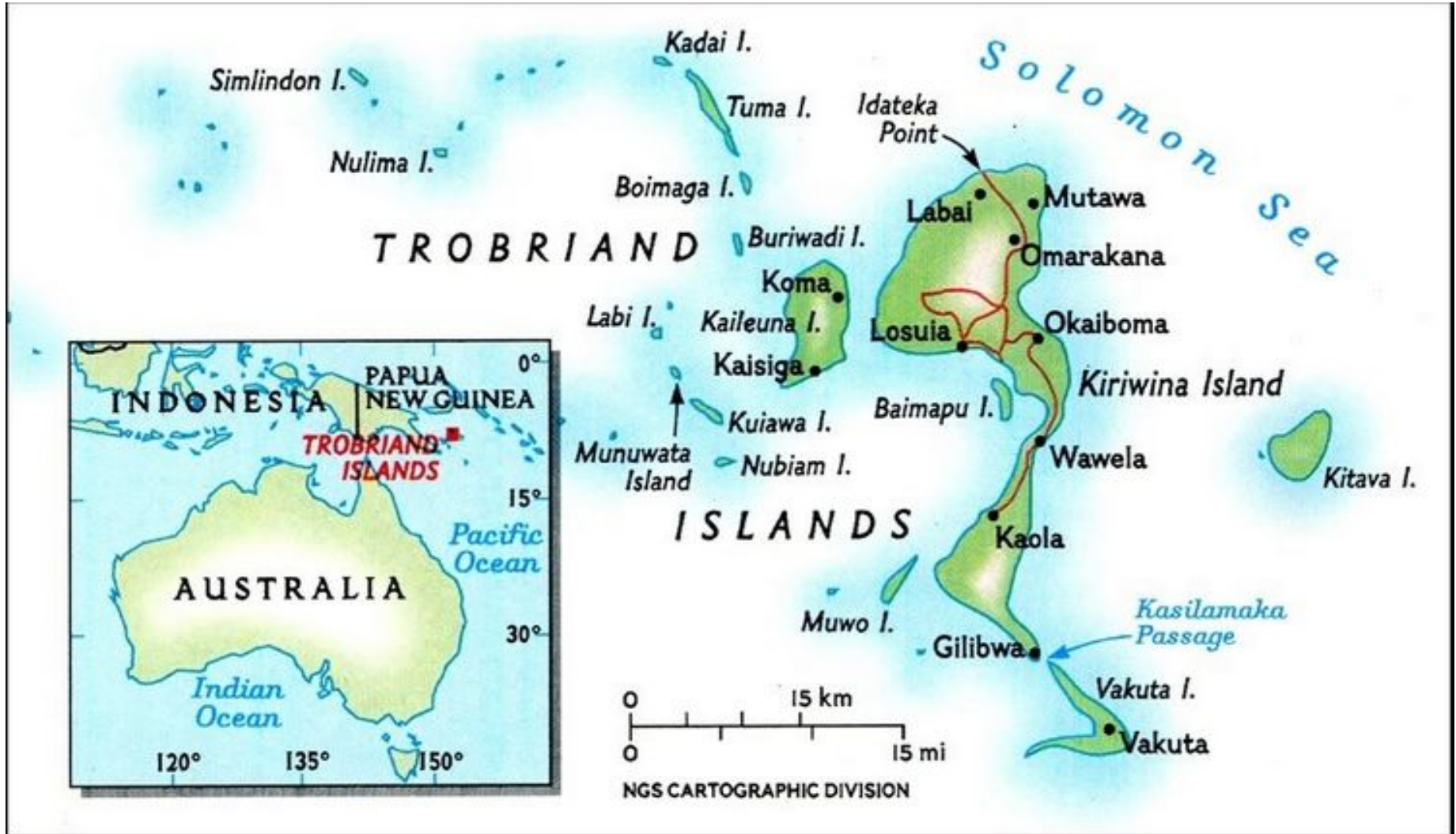
“Funcionalismo cultural”

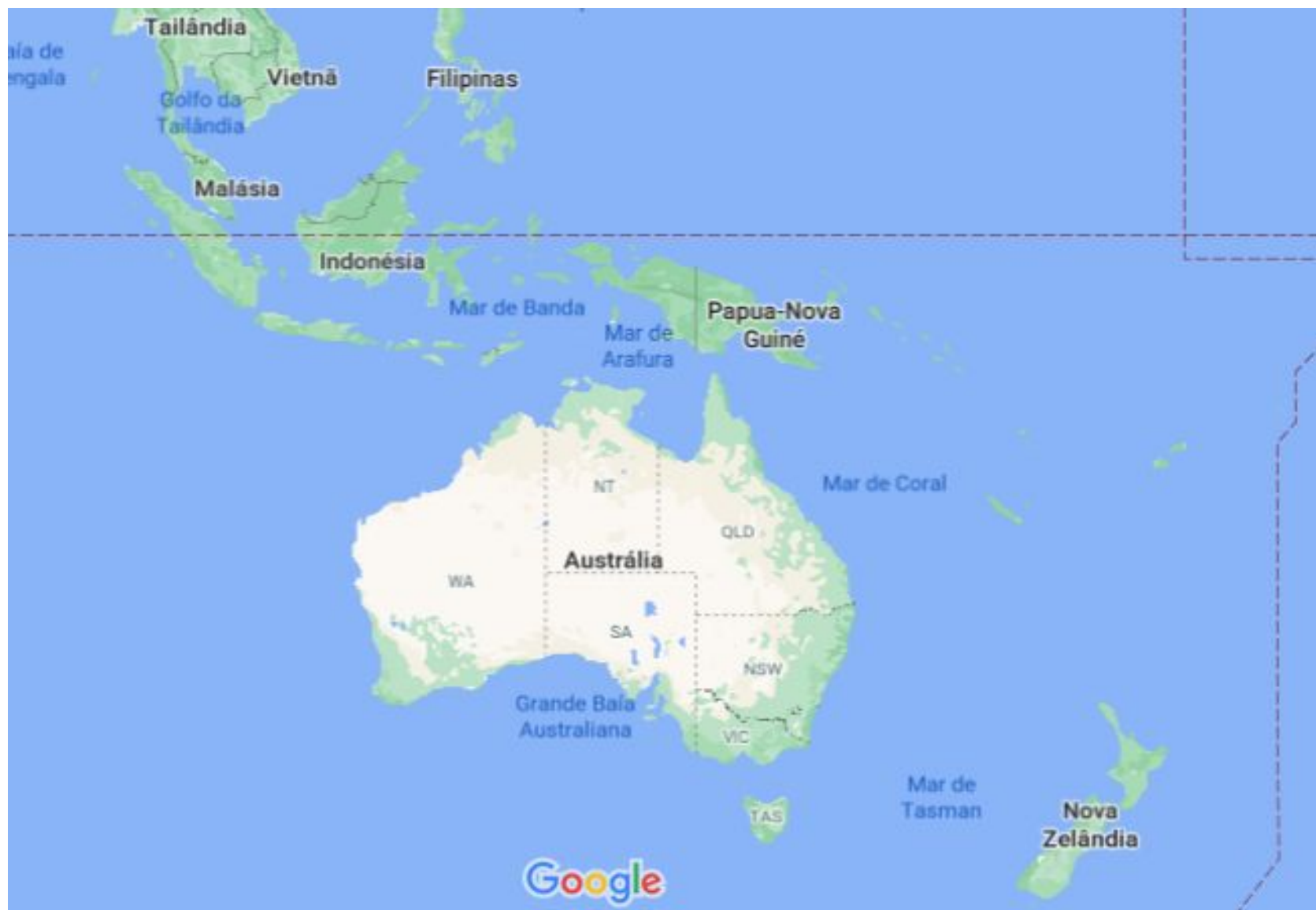


Das expedições à etnografia

- Efervescência na antropologia inglesa, com as publicações decorrentes da Expedição Cambridge ao Estreito de Torres, com Haddon, Seligman e Rivers (Seligman, que Malinowski cita muito nos Argonautas, também fez pesquisa na Melanésia)
- Experiência de campo de Malinowski – 1914 vai para Mailu, na Melanésia, mas diante da 1ª Guerra não pode voltar à Inglaterra. Fica na região da Austrália
- Dois longos períodos nas Ilhas Trobriand – 1915/16 e 1917/18
- volta à Inglaterra em 1921, onde leciona na London School of Economics
- 1934 – faz um campo de apenas 3 meses na África do Sul.
- 1938 – vai para os EUA, com o começo da 2ª Guerra, fica por lá. Morre em 1942, em New Haven.

Ilhas Trobriand





Malinowski

- Interessava-se pela antropologia ao ler Frazer, *O Ramo de Ouro*. Porém, nas suas etnografias, acaba por discordar da interpretação evolucionista.
- Lembrado como o mestre da pesquisa etnográfica – não foi o primeiro a fazer pesquisa de campo, mas sistematizou o método
- segundo A. Kuper, construiu uma mitologia em torno de si, e um séquito de fiéis alunos-adoradores. (KUPER, Adam: *Antropólogos e Antropologia*)

Malinowski e sua proposta de etnografia

- Recriação da vida trobriandesa – riqueza de informações e detalhes
- Valorização dos DADOS EMPÍRICOS – coleta de dados é uma ciência e uma arte
- Respeito aos dados empíricos: manter a especificidade de cada cultura
- Não se contenta com uma afirmação: coteja diferentes informações, pontos de vista, compara as falas com os comportamentos
- Rebate a ideia de que os “selvagens” seriam irracionais, ou incoerentes. Quer mostrar a lógica de seus comportamentos em detalhe, e afirma que se a observação for bem feita, isso seria notado.
- mostra um humanismo apaixonado, defende a dignidade dos povos primitivos
- Etnografia: reconstruir uma experiência cultural específica

- Crítica ao evolucionismo – a sua comparação desmembra a realidade em itens separados de seu contexto cultural. Essa manipulação dos fragmentos leva a composição de categorias onde o arranjo é imposto pelo investigador, que assim, não pode conferir uma unidade real ao objeto.
- Afirma que os elementos culturais não podem ser compostos arbitrariamente, porque fazem parte de um SISTEMA concreto. Busca o sentido de cada aspecto cultural partir do lugar que ocupa no sistema.
- Ver a realidade social como sistema o leva ao seu conceito de TOTALIDADE, de INTEGRAÇÃO e de inter-relação funcional na análise da cultura.

Malinowski e o evolucionismo

- É possível notar certa perspectiva evolucionista – é uma diferença quanto ao método, não quanto à perspectiva que de há mudanças, dos “selvagens” para os “civilizados”.
- Mas encontra racionalidade e lógica onde outros autores viam apenas “atraso”
- Sua distinção do evolucionismo é porque não quer uma história sem provas empíricas
- Recusa a separação de partes do todo, como faz o evolucionismo
- Faz uma descrição totalmente sincrônica. O antropólogo é um observador *in locu* daquilo que PODE de fato ser observado empiricamente. Ele observa a vida cultural que se desenrola diante de seus olhos, por isso exige tempo de permanência para poder entender aspectos dessa vida cultural, em integração. Relaciona assim as partes, buscando uma visão do todo daquela cultura.

Cultura como um todo integrado

- CULTURA – conceito amplo, abarca tecnologia, relações sociais ordenadas através de regras, crenças, rituais, arte. Cultura é tudo o que é produto da vida do homem em sociedade.
- Não é apenas um conjunto de manifestações, mas uma SÍNTESE INTEGRADA de uma multiplicidade de aspectos
- O comportamento concreto de pessoas reais constitui uma UNIDADE – que engloba a utilização de objetos, a atividade grupal e a manipulação dos símbolos.
- Realidade impõe a análise conjunta de 3 aspectos:
 - (1) elementos materiais,
 - (2) relações sociais,
 - (3) expressões simbólicas
- Não separa o social (organização social) do cultural (modos de pensar)
- Integração entre *ação* e *representação*
- TOTALIDADE

- A unidade de investigação não está apenas na cabeça do pesquisador, mas também na experiência dos membros da sociedade estudada.
- No estudo de um aspecto engloba dimensões materiais, sociais e simbólicas, aspectos econômicos, jurídicos, religiosos.
- É na integração desses múltiplos aspectos que se permite atingir o verdadeiro significado dos fenômenos culturais.
- A síntese – resulta da investigação. A verificação é empírica
- Toda essa correlação não é facilmente observável (na conduta, na simples observação) e nem sempre está clara na mente do nativo (nas suas falas) – é necessário sempre conhecer as relações sociais subjacentes, os instrumentos, as técnicas, as crenças.

Método etnográfico

Desenvolve na introdução aos *Argonautas*

Alguns pontos fundamentais para a pesquisa etnográfica:

- ler muito sobre o grupo e sobre teoria antes de ir a campo
- conhecer bem o grupo, ficar ali muito tempo, observar e anotar tudo.
- falar a língua nativa
- fazer genealogias, quadros explicativos
- observar os comportamentos
- entrevistas - ver como os nativos explicam, o que eles pensam sobre as coisas
- não só o que fazem, mas o que pensam: ação e representação.

Aspectos centrais da etnografia

- Descrever a *organização* da tribo e a anatomia de sua cultura – instituições, organização social, genealogias, parentesco, as regras, quadro sinótico de tarefas, etc.
- Mostrar os *imponderáveis da vida real* – as práticas e o comportamento cotidiano, como lidam na prática com as regras, como fazem as coisas, observação do dia a dia
- Declarações, narrativas – o que os nativos pensam, como contam suas impressões, como comparam o que fazem com as regras, o que dizem, suas crenças e explicações
- Objetivo geral é **entender o ponto de vista do nativo**. Sua visão de mundo, sua relação com a vida.

Os Argonautas do Pacífico Ocidental

Introdução, sobre o método:

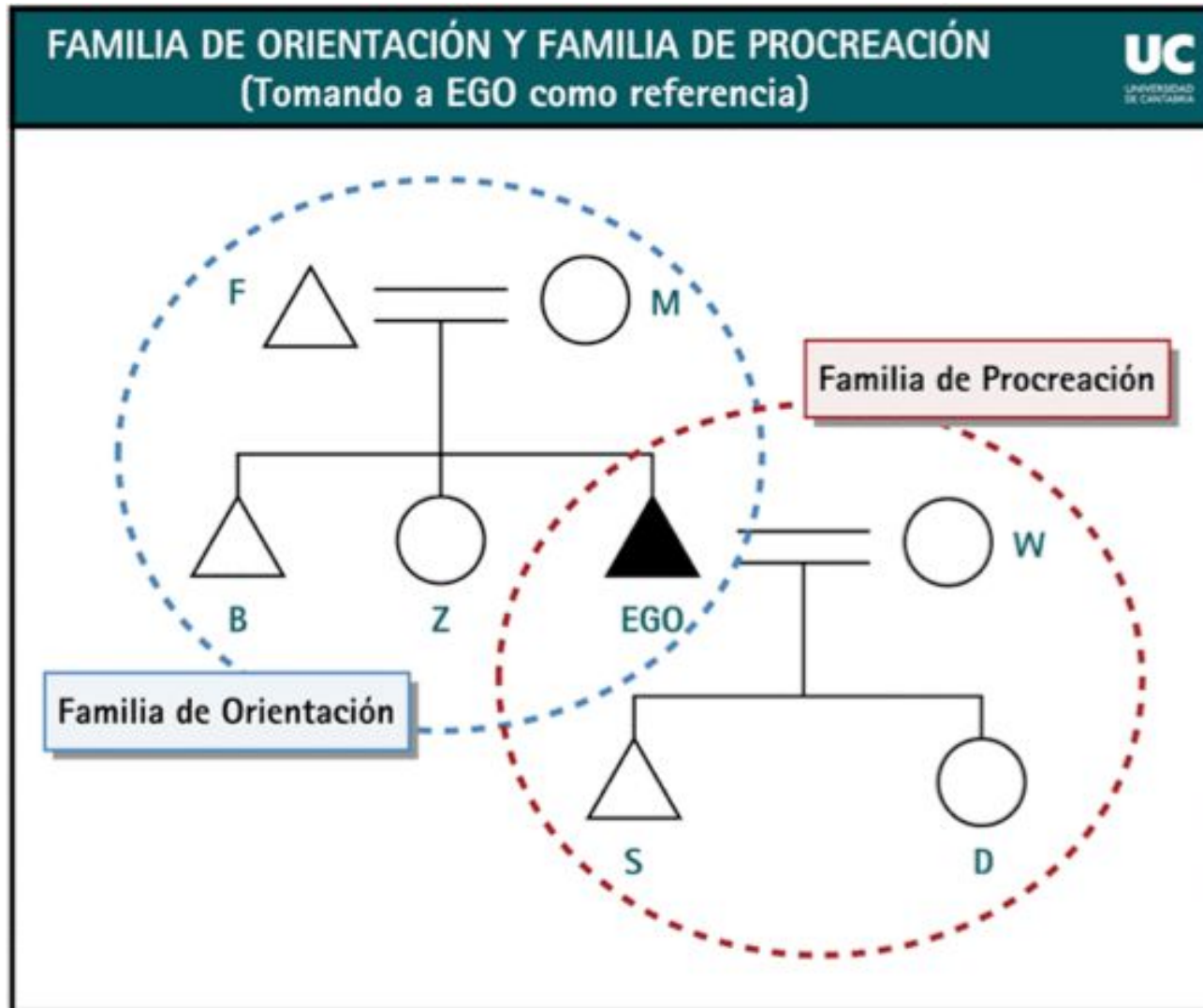
- . propor uma metodologia detalhada, que revela COMO a pesquisa é feita
- . Condições adequadas – longa convivência, sozinho (sem outros brancos, mas idealmente os encontra às vezes)
- . observação participante (explorar um pouco como)
- . falar a língua
- . como os nativos falam sobre atos do cotidiano - não perguntar abstrações, estas são do pesquisador; fazer perguntas através de exemplos concretos
- . conhecer a cultura tribal na sua totalidade

Modos de coleta e de sistematização dos dados

- Caderno de campo
- Censo das aldeias
- Genealogias
- Quadros sinóticos (revelam padrões)
- Entrevistas (cotejando opiniões de várias pessoas sobre um mesmo assunto)
- Listas de atividades
- Observar recorrências (x fatos extraordinários)

Genealogia

(quadro sinótico de relações de parentesco)



Quadro sinótico

LISTA CRONOLÓGICA DE ACONTECIMENTOS REFERENTES AO *KULA*, TESTEMUNHADOS PELO AUTOR

PRIMEIRA EXPEDIÇÃO. Agosto de 1914 — março de 1915.

Março de 1915. Na Aldeia de Dikoyas (ilha Woodlark), foram observadas algumas oferendas cerimoniais. Obtidas algumas informações preliminares.

SEGUNDA EXPEDIÇÃO. Maio de 1915 — maio de 1916.

Junho de 1915. Uma expedição *kabigidoya* chega a Kiriwina, proveniente de Vakuta. Observei ancoragem em Kavataria. Encontrei-me com os visitantes em Omarakana, onde recolhi informações.

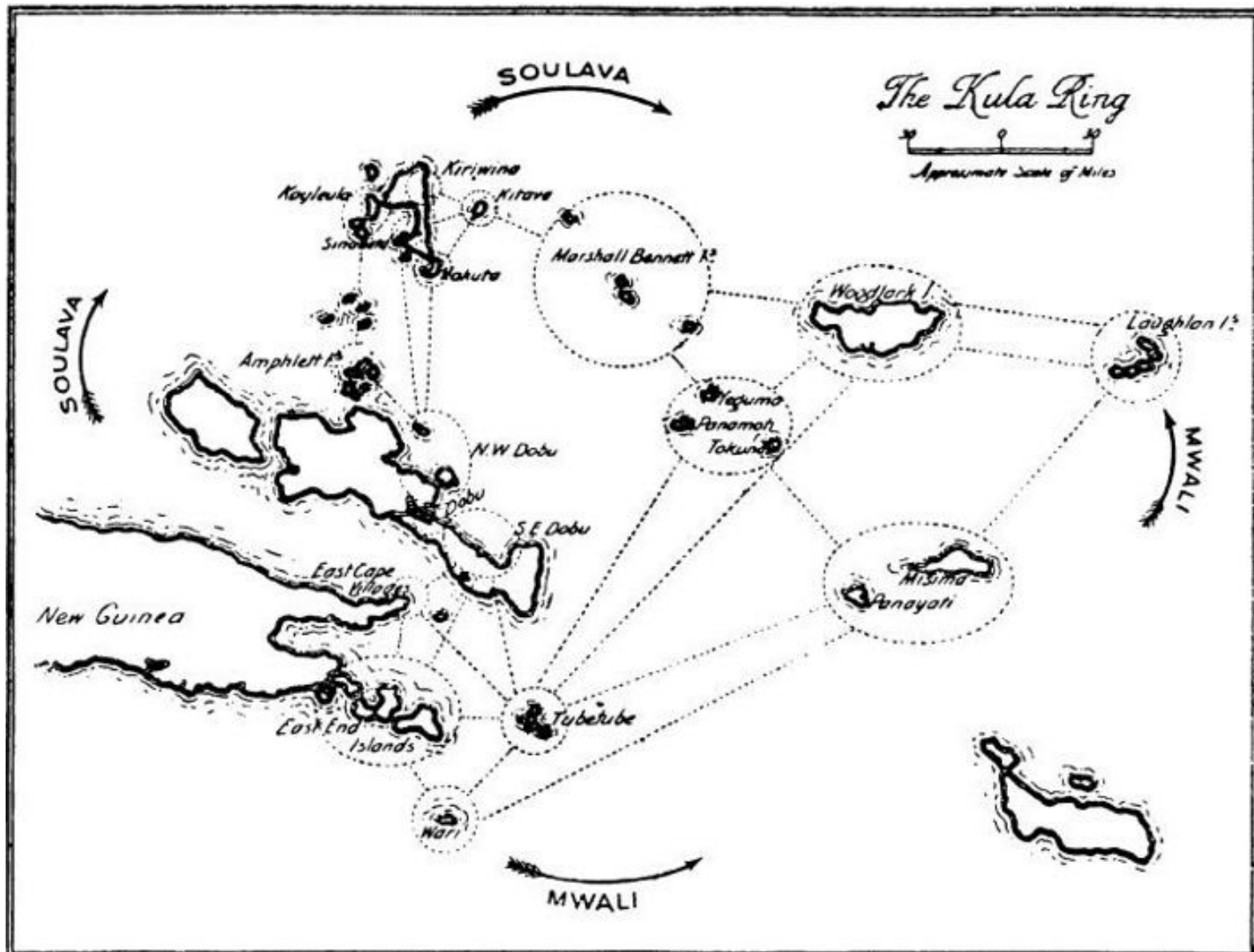
Julho de 1915. Algumas comitivas provenientes de Kitava chegam à praia de Kaulukuba. Examinei os visitantes em Omarakana. Pude recolher muita informação nessa época.

Setembro de 1915. Tentativa frustrada de embarcar com To'uluwa, chefe de Omarakana, rumo a Kitava.

Outubro — novembro de 1915. Observei em Kiriwina as partidas de três expedições com destino a Kitava. Em cada uma dessas ocasiões, To'uluwa trouxe de volta um carregamento de *mwali* (braceletes de concha).

Novembro de 1915 — *março* de 1916. Preparativos para a grande expedição ultramarina de Kiriwina às ilhas Marshall Bennett. Construção de uma canoa; reforma de outra; confecção de velas em Omarakana; lançamento; *tasasoria* na praia de Kaulukuba. Simultaneamente obtinha informações a respeito desses assuntos e assuntos afins. Pude obter alguns textos de magia referentes à construção de canoas e à magia do *Kula*.

Esquema – Circuito do Kula (mapa V)



Métodos e o Kula

- Quadros sinóticos, censos e genealogias são abstrações e sistematizações feitas pelo pesquisador
- Kula: “tema” que os nativos e a vida social impôs ao pesquisador
- “O nativo” não tem a visão do todo – cada um sabe para quem deve dar qual objeto, e de quem deve receber, mas não necessariamente todo o sistema
- Relações e amizades estabelecidas por trocas cerimoniais de presentes e contra-presentes – ao final, o autor percebe essas trocas rituais como um **sistema**
- Braceletes (mwali, viajam em sentido anti-horário) e colares (soulava, no sentido horário) - circulam em sentidos opostos
- Instituição que articula vários elementos da vida social (só o método etnográfico permite ver todas essas articulações) – no livro dará destaque ao papel das canoas, as técnicas, modos de fazer, e magia. Depois, descreve as expedições.

Aspectos Essenciais do Kula

- Trocas rituais de braceletes e colares são planejadas, grandes e arriscadas expedições (trocas comerciais paralelas acompanham o kula, assim como trocas culturais - de costumes, crenças, canções, etc.)
- Vasta rede de trocas que articula as tribos da região
- Braceletes e colares contam história de seus “donos” predecessores, objetos são renomados
- Generosidade nas trocas – ser rico é ser generoso (especialmente a chefia) – código moral
- Troca estabelece amizades/parcerias de vida toda
- Valor está na troca, não na posse; posse temporária de objeto de prestígio

(troca como fundamento da vida social em Antropo III; sociedades da dádiva em Antropo IV)

Kula

- Presentes e contra-presentes ao longo do tempo – tem que ser equivalentes
- Permite perceber que um *princípio* da vida social é a generosidade
- Kula aparece como atividade principal, se impõe ao pesquisador (outros fenômenos sociais interligados serão descritos, mas em torno do Kula)
- Só etnografia permite observar todos os fatos e instituições que se relacionam ao kula
- A partir de diferentes técnicas de pesquisa, o autor consegue montar o sistema geral que preside tais trocas

Funcionalismo

- *Função* – não é o objetivo consciente das ações
- Papel da instituição no esquema total da cultura, tal como definido pelo investigador. Observada não apenas a partir das normas ou regras que regem o ideal do comportamento, mas as atividades efetivamente desempenhadas e suas consequências. (ver Durham, p. 14)
- Não é um finalidade ou objetivo consciente das ações, a consciência dos nativos aqui pode ser enganadora.
- (ver Kuper – função da família, da magia, da religião – p.41)

Publicações:

Cada livro foca num tema/ instituição:

- . vida econômica e o Kula (*Argonautas do Pacífico Ocidental*),
- . as regras e leis (*Crime e Costume na sociedade selvagem*),
- . magia (*Coral gardens and their magic*),
- . sexualidade e reprodução e vida familiar (*A Vida sexual dos selvagens*)

Através de um tema, a etnografia articula com outros aspectos e instituições sociais que ele vê interligadas à questão que elege focar naquela obra

Teoria das necessidades básicas

Como a cultura responde às necessidades humanas

Características biológicas do homem determinam as necessidades básicas que devem ser satisfeitas pelos parâmetros culturais, por cada cultura. A variedade não é, portanto muito explicada, embora seja reconhecida – há formas muito variadas de responder, mas as necessidades básicas são universais.

Certo reducionismo biológico, utilitarismo

As culturas seriam “racionais” pela capacidade variada de responder a estas questões - as necessidades básicas e as secundárias.

Elaboração cultural leva a necessidades derivadas daquelas básicas.

Seu texto empírico mostra (melhor) os conceitos de totalidade, integração e função

Algumas Publicações

- As Ilhas Trobriand (1915)
- **Argonautas do Pacífico Ocidental** (1922)
- Myth in Primitive Psychology (1926)
- Crime e Costume na Sociedade Selvagem (1926)
- Sex and Repression in Savage Society (1927)
- A vida sexual dos selvagens (1929)
- Jardins de coral e sua magia (1935)
- A Teoria Científica da Cultura (1944)
- Magic, Science, and Religion (1948)
- The Dynamics of Culture Change (1945)
- Um diário no sentido estrito do termo (1967)